



Cia. São Jorge de Variedades
apresenta:

FESTA DOS BÁRBAROS

Foto:
Reinaldo Meneguim



Release

Ancestralidade, tempo mítico, luta, cultura e sabedoria dos povos originários e afro-ameríndios do território brasileiro integram a pesquisa da Cia. São Jorge de Variedades para a criação de FESTA DOS BÁRBAROS. O espetáculo se estrutura a partir dos estudos sobre A Revolta dos Bárbaros [guerra que durou mais de 70 anos e que envolveu diversas etnias indígenas em confronto com os colonizadores no sertão nordestino brasileiro] e a Cosmologia da Jurema Sagrada [árvore da caatinga do nordeste que para diversos povos indígenas é guardiã de cultura e ciência, em rituais de cura e conexão com a ancestralidade].



Sinopse

FESTA DOS BÁRBAROS acompanha a história da fuga de um casal, cujo o homem é acusado de assassinar um policial. Na fuga, o casal faz uma peregrinação pela cidade até encontrar uma região de mata, onde se depara com Malunguinho, uma entidade sagrada dos terreiros de Jurema, que caminha por três mundos. A partir de então, o casal é apresentado aos aspectos sagrados, profanos, culturais e identitários da Jurema em celebração com o público e o cruzamento com a geografia local.

Foto: Reinaldo Meneguim





Ficha técnica

Idealização e Coordenação Geral do Projeto – Patrícia Gifford e Paula Klein Flecha Dourada.
Direção – Georgette Fadel, Patrícia Gifford, Paula Klein Flecha Dourada. Direção Musical – Lincoln Antonio. Dramaturgia – Antonia Mattos com a colaboração de todos os Artistas Criadores. Artistas Criadores – Alexandre Krug, Antonia Mattos, Carlota Joaquina, Darcio Oliveira, Dedê Ferreira, Eugenia Cecchini, Fagundes Emanuel, Fernanda Machado, Georgette Fadel, Girlei Miranda, Giullya Nahirniak, Iraci Estrela, Jonathan Silva, Karen Menatti, Laruama Alves, Laura Lufési, Lincoln Antonio, Luís Mármora, Marcelo Reis, Patrícia Gifford, Paula Klein Flecha Dourada, Ronny Abreu, Sarah Lessa, Valmir Sant’Anna e Zi Arrais. Baixistas – Renata Amaral e Ricardo Zoyo. Assistência de Direção – Sarah Lessa. Repertório de Músicas da Tradição da Jurema – Associação Cultural Morro da Crioula. Composições Originais – Artistas Criadores do Projeto. Cenografia e Figurinos – Rafael Bicudo. Assistência de Figurino – Érika Grizendi. Costureira – Lili Santa Rosa. Cenotecnia – Katiana Aleixo. Iluminação Cênica – Dede Ferreira. Técnico de Som – Duda Gomes. Equipe Técnica de Operação – Clara Araújo, Guira Bara, Katiana Aleixo, Matheus Góis, Mateus Rodrigues e Renan Vilela. Identidade Visual – Fernando Sato.
Coordenação de Produção e Produção Executiva – Laura La Padula.





***‘Caboclo caboclo Caboclo Canindé
Quem tá morto tá deitado
Quem tá vivo tá de pé!’***

Canto de Jurema



*Quem não está preparado para festa,
não está preparado para a guerra'*

Nego Bispo



Foto:
Reinaldo Meneguim

'Festa dos Bárbaros' faz da apresentação uma folia regada a jurema

TEATRO

Festa dos Bárbaros

★★★★★

Dir.: Georgette Fadel, Patrícia Gifford e Paula Klein Flecha Dourada. Com: Carlota Joaquina, Lincoln Antonio, Valmir Sant'Anna. Funarte - al. Nothmann, 1.058, Campos Eliseos. Até 30/10, de sex. a dom., às 15h; de 3 a 20/11, de qui. a dom., às 15h. Grátis. Livre

Paulo Bio Toledo

"Festa dos Bárbaros" propõe algo mais do que um espetáculo. É um acontecimento entre a festa, a música e o teatro, envolvendo o público numa espécie de rito coletivo de resistência e celebração ancestral.

O ponto de partida é a chamada Guerra dos Bárbaros, conflito que durou 70 anos, entre 1650 e 1720, quando etnias indígenas do sertão nordestino combateram os avanços da colonização portuguesa.

No espetáculo da Cia. São Jorge de Variedades, a guerra aparece na forma de festa inspirada nas celebrações da jurema sagrada — rito de matriz indígena, com bebida feita com essa planta com princípios psicoativos e elementos sincréticos africanos.

Para os devotos, a jurema é uma árvore que conecta mun-



Parte do elenco da peça, apresentada na Funarte, em São Paulo

Reinaldo Meneguim/Divulgação

dos e tempos, como um portal para uma rede de ancestrais e entidades da floresta. Inspirado nela, o espetáculo se estrutura também como um desfile de figuras míticas e populares, que constituem uma ancestralidade brasileira às margens da história oficial.

Tudo acontece ao ar livre, num espaço aberto da Funarte, em São Paulo. Um co-

ro conduz uma cena vibrante, cheia de alegria e intensidade musical, com vontade de expandir os contornos institucionais do teatro e desenvolver outras formas de interação artística com a cidade.

Tamanha vida coletiva dá notícias de um dos mais importantes momentos do teatro brasileiro: o ciclo de politização do teatro de grupo, que

ganha força nos anos 1990.

A Cia. São Jorge de Variedades ocupa lugar importante neste ciclo, e "Festa dos Bárbaros" mostra que ainda há vitalidade ali, embora muitos grupos já não existam.

Nas franjas do acontecimento, contudo, ronda um tipo de desconforto. As formas teatralizadas da jurema sagrada atravessam as cenas de modo

dúbio. É difícil decifrar qual é a intenção do espetáculo. Será buscar na liturgia religiosa elementos de composição estética? Ou a ideia é realizar um rito, no qual artistas tornam-se sacerdotes de um culto?

Os dois caminhos, contudo, parecem problemáticos. De um lado, há um tipo de enquadramento artístico de manifestações populares da fé. Como se uma moldura fosse colocada em práticas religiosas do Norte e do Nordeste até o ponto de transformar seus elementos em obra de arte para circulação no Sudeste.

Ao mesmo tempo, a vontade de viabilizar ali um tipo de rito inspirado na jurema mobiliza uma atmosfera mística que, pouco a pouco, vai corroendo a reflexão racional.

Mesmo tratando-se de uma fé marginal, espaço de resistência popular, ainda assim há certo fascínio pelas forças místicas do mundo invisível.

São aspectos delicados que merecem ser debatidos, ainda que o trabalho coletivo da Cia. São Jorge e a vontade de fazer emergir na cena o avesso da história e a perspectiva dos vencidos deflagrem uma festa-teatro com grande intensidade artística e política.

“O salto crucial entre a sobrevivência e a ‘supravivência’ demanda o alargamento das nossas subjetividades, em batalhas árduas e constantes no campo poderoso da elaboração de símbolos”

Trecho do livro Fogo no mato – de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino.

Obrigada!

Contato:

Paula Klein Flecha Dourada
flexadorada@gmail.com
Whatsapp: 11 93469-8554

Laura La Padula
lauralapadulame@gmail.com
Whatsapp: 11 972698871

ciasaojorgedevariedades@gmail.com